

# perfil



**Kina Maua N'Pango**

ARTISTA PLÁSTICA

## Em busca de um lugar de eleição

Basta o contacto, um único, com o que pinta e o que esculpe para se ficar com a sensação que todos têm quando a descobrem: a arte contemporânea tem uma discipula a caminho das grandes galerias. Parece tudo apenas uma questão de tempo...

Texto **Luis Fernando**  
Fotos **Cedidas pelo staff**

Nem mesmo os muitos anos de andanças longe de Angola, o país onde nasceu – portanto o seu –, que ama e que pinta privilegiadamente, para homenageá-lo dia e noite com a sua arte, escondeu nela o vínculo que a liga ao mais profundo das suas origens. Está lá, no nome, a marca bantu, uma espécie de lacre inviolável por via do qual ela quer que o mundo a conheça, a aceite e a reconheça, um dia, se vier a tornar-se grande no universo das artes visuais.

Faz questão que, no traço da sua pintura e na textura dos objectos que dá vida no seu ofício de escultora, os

olhares se centrem sobre uma mulher de Angola, na alma e na paixão. Se pudermos, tais olhares que escrutinam mais ainda, que sejam penetrantes, profundos, e descubram então o que há nela de respigos da soberba civilização kongo, à qual se apega pelo lugar de nascimento (Quimbele, no Uíge); pela linhagem (neta do soba Suabuca, poderoso no Cuango) e pelo forte legado do pai Bernardo, que a educou pelos caminhos da vida, no duplo papel de pai e mãe.

Em Angola ela é (ainda) uma ilustre desconhecida. Mas lá fora, onde sem se deixar intimidar alarga as fronteiras

de um sucesso que chega devagar e seguro, está nos catálogos do que se recomenda como arte moderna e os críticos, do sul da Europa aos Alpes suíços, tratam-na como a premonição aconselha que se protejam os astros do amanhã.

Não faz muito, destapou parte do véu num lugar icónico da Itália: Revelim, uma fortaleza defensiva do Renascentismo cujo projecto é atribuído ao gradecíssimo Leonardo da Vinci. Expôs a sua escultura “Continuun” e foi quanto bastou para que a exigente e apurada sensibilidade artística italiana cobrisse a angolana Kina

Maua N'Pango de encómios: “Inserir um trabalho dentro de um lugar assim bem definido e historicamente significativo, não só para Locarno, mas também para toda a herança cultural da Humanidade como é o Revelim, é realmente uma proeza. Uma proeza que requer humildade, coerência e grande sensibilidade”, escreveu, a propósito, o italiano Antonio Maria Pivetta, respeitado crítico de arte e curador de numerosas exposições.

Os italianos e todos os que amam a arte desfilaram,

entre incrédulos e rendidos, diante da escultura “Continuun” de Kina Maua M'Pango, uma mulher acéfala de proporções generosas, serena no seu branco incorruptível. Bem lhes parecia replicado o talento de algum dos seus colossos idolatrados, Da Vinci ou Michelangelo, Rafael ou Bramante, cujas obras imortalizadas em lugares cultuados deixam a clara sensação, sempre, de nunca permitirem concorrência nem sequer na ousadia do pensamento do visitante ingénuo. Um desses olhares

ilustres, Antonio Maria Pivetta, viu assim, em pleno coração da Itália, a escultura da garota nascida no longínquo

Quimbele: “A Deusa Mãe acéfala está grávida de uma humanidade ingrata mas ainda assim está pronta a dar a sua vida às gerações futuras, num hino esotérico e ritmado em que as notas sucedem-se doces e desapiedadas até ao final emocionante do Bolero de Ravel. Escultura plástica e clássica, tem uma relação directa com a tradição mesopotâmica. O culto da

Deusa Mãe fica aqui exaltado com um ritualismo quase pagão; o rosto é aquele de mil rostos, a dor e o sorriso são aqueles de mil sorrisos”.

E diz da autora, da sua arte impactante: “Para Kina Maua existe apenas o Conceito. A Forma é o pretexto para comunicar seu axioma que recupera Aristóteles e Einstein: a matéria é forma num estado potencial e a matéria é energia num estado potencial, portanto, há apenas energia; mas o primeiro foi o pensamento e a palavra. E como a Bíblia diz: “No princípio era o Verbo.”





# perfil

## “SOFRIMENTO É MEU NOME”



**Tem algum significado especial o seu nome? Reparo que é todo ele kikongo.**

Na verdade sou Franklina; Kina é diminutivo. Maua é nome tradicional que em kikongo significa sofrimento, uma vez que resulto de um parto muito difícil; N'Pango vem dos meus bisavós, todos bakongos.

**Onde é que nasceu exactamente?**

Nasci em Quimbele, província do Uíge.

**E vive fora de Angola desde quando?**

Sai de Angola em 1974, com apenas 4 anos de idade. Desde então não voltei a ter qualquer contacto com a minha mãe. Chama-se Sofia e era a primeira filha do soba Suabuca, do Cuango.

**Como foi que sentiu o interesse pela arte? Que idade tinha?**

Tudo começou aos 9 anos. Nessa idade tive um colega de escola, em Castelo Branco (Portugal), que um dia desenhou o meu rosto no seu caderno enquanto o professor explicava a lição. Fiquei completamente fascinada, não conseguia compreender como é que alguém podia reproduzir tão fielmente o meu rosto até nos detalhes dos meus lábios grossos, que eu tanto detestava. Nesse mesmo momento eu quis imita-lo com toda a minha força, desenhar o nariz dele que era muito grande. E desta forma comecei a fazer os primeiros traços de desenho figurativo.

**E gostou da experiência, pelos vistos. Vingou-se mas ficou com o gostinho...**

É verdade. No ensino secundário,

aos 16 anos, estudando Os Lusíadas, comecei a desenhar os barcos em tempestade e o Golpe Divino quando começámos a estudar a história dos grandes pintores como Michele Angelo, Leonardo da Vinci e Picasso. Dentro de mim queria ser como eles! Comecei a aproveitar restos de tintas, tábuas, cal, cimento e outros materiais que ficavam da construção civil e comecei as minhas primeiras criações no quintal da minha casa, sem que ninguém me visse.

**Em que se inspira para as suas obras?**

As minhas obras nascem da reflexão sobre os factos e os eventos que nos rodeiam. São também o fruto das minhas experiências e da relação íntima que tenho com a vida.

**África continua muito presente**

**em si, percebe-se: porque acha que isso acontece?**

África é a origem ancestral de cada um de nós, digo os humanos todos. E é ainda mais quando se nasce neste continente.

Sem a tua terra é como se os pés não estivessem assentes no chão. África é a origem mais profunda do meu ser, algo que nem os muitos anos passados longe dela conseguem cancelar a ligação ancestral que existe. Pensar Angola...retornar...é algo muito forte, difícil de explicar. Agora entendo melhor as lágrimas do meu pai quando chorava como criança quando ouvia a canção "Muxima". Agora entendo o significado desse cordão umbilical enterrado em Quimbele. Eu quero homenagear a minha África através da minha forma de fazer arte.

**O que espera da arte? Reconhecimento? Fortuna?**

Espero só viver o máximo das minhas potencialidades artísticas. Sempre acreditei e sonhei ser o que sou agora; basta querer no mais profundo do coração. Se não acreditas em ti, quem vai acreditar? Mas tudo requer muito estudo e muita prática. Ensinaaram-me que sem sacrifício não se obtém nada. Mas aprendi também que o fruto da vitória é gostosíssimo.

**Que dimensão, como artista, quer atingir: conhecida no seu país, famosa no mundo inteiro ou nada disso é relevante no seu percurso?**

Penso que não é necessário ser reconhecido para se sentir grande. A grandeza do homem está nas suas atitudes. Sinto-me grande sim quando aquilo que faço supera algo sem dimensão, "o não espaço". E isto acontece só quando entre uma pincelada e outra falo com Deus (risos).

**Reside na Suíça. Há quantos anos já?**

No dia 25 deste mês faço 21 anos a viver neste país, para mim a minha segunda pátria. Apesar do frio que me arruinou os ossos, foi aqui que abri o meu primeiro atelier em 1996 e foi aqui onde recebi as bases da pintura e escultura para depois aperfeiçoar em Florença, Itália. A Suíça é a minha segunda casa depois de Angola, Portugal é a terceira.

dável é fundamental. Neste momento estou a negociar um sponsor para a minha exposição itinerante somente de esculturas, que quero levar às cidades de Nova Iorque, Tóquio, Londres, Milão e Lisboa para depois finalizar em Luanda.

**É um bom lugar para a sua arte ou é indiferente que viva na Suíça ou noutra país da Europa?**

O público europeu é como o público do resto do mundo: basta que lhe demos emoções positivas. E é isso que tento transmitir com a minha forma de fazer arte. Aqui as pessoas são muito receptivas ao meu trabalho, chego a pensar, às vezes, que isso tem a ver com o facto de eu ser africana num ambiente artístico europeu, que isso possa suscitar sempre algum interesse...

No fundo somos o berço da civilização!

**Tem planos para se tornar conhecida no seu país?**

Neste momento tenho em projecto algumas exposições em Luanda a partir de 2013. Pretendo abrir ainda este ano o meu atelier em Angola que não será só o meu espaço mas também um lugar de encontro entre artistas e não só. O meu objectivo é trabalhar em simbiose com os meus colegas do país. A arte não nos pertence, tem de ser troca e experimentação.

**Passa por que mais?**

Participar na Trienal de Luanda

**Alguma inquietação neste momento, dessas que levam a encalhar uma carreira promissora como claramente se vê que a sua é?**

É claro que em todas as coisas conseguir conciliar o útil ao agra-

